

Meus amigos.

Sempre me pareceu necessário um estudo, ainda que rápido e perfunctório, do emblema que adotamos para o nosso Clube "21 Irmãos Amigos". A escolha do famigerado BURRO, que reúne nas suas virtudes a força aglutinadora que nos une, inspirados num idealismo superior, atendeu aos nossos princípios gremiais e de certo modo contribuiu para desagravar de injustos remoques um dos animais mais úteis, vigorosos e seguros, de que se tem servido o progresso nacional.

É certo que sobre ele, desde tempos imemoriais, a fantasia vem derramando uma chuva de falsos conceitos e contundentes improperios. O seu nome tem servido para qualificar a estupidez humana. Do sandeu ao grosseiro, do irrefletido ao ignorante, rica e variada é a série de accepções derivadas do pobre muar e já incorporadas aos dicionários das línguas cultas. Burro, burrice, burrada, burrão, burrical, burricada, burrento, burrear, burragem, burrana, são numerosos os termos vernáculos tomados ao mísero quadrúpede para exprimir falta de discernimento e de acuidade intelectual. No jogo, burro é o que se deixa vencer pelo descarte. Na luta pela vida, burro é o que se deixa engazopar pela habilidade dos mais bem dotados.

E para aquele que se deixa envolver pelas amarguras da existência, equilibrando nos ombros o fardo assassino de todas as servidões, - a sabedoria popular foi buscar na imagem do burro, o termo ideal para definição da miserável criatura humana - besta de carga!

O burro, contudo, é bem a antítese dessa velha fama. Na sua aparente modorra latejam insuspeitadas forças que o tornam um dos auxiliares mais preciosos do homem. Os eqüinos podem sobrepujá-lo em arrôjo nas arremetidas, em gracilidade na marcha, em velocidade na corrida. Não terão jamais a sua segurança, o seu fôlego, a sua resistência. Na realização de uma jornada, o cavalo pode ficar estrompado pelo caminho, o burro chega sempre ao seu destino. Em noites tempestuosas, nas estradas de montanha ou pantanais, o cavalo e os próprios veículos a motor são transportes incertos e perigosos; o burro é uma montaria efficientíssima, que nunca resvala pelos despenhadeiros ou se atola nos tremedais. A imagem de Apuleio, em seu Asno de Ouro, que a pena bem aparada de Léo Vaz transformou em O Burrico Lucio, é uma alusão ao espírito filosófico do burro, bem equipado para conduzir-se na vida com usura de forças, segundo a sábia máxima que lhe tomou o nosso caipira, na luta pela sobrevivência: A vida não é força, é jeito.

O burro foi, em toda a parte, mas especialmente em nosso país, o fator decisivo da vitória da civilização sobre a barbárie. Precedeu o caminho moderno na valorização do interior do continente. Estabeleceu e garantiu as linhas de comunicação das lavouras coloniais com os portos do litoral. Auxiliou a penetração das bandeiras e entradas. Tornou utilizáveis, como vias de transporte de carga, os caminhos dos índios, que zigzagueavam pelas florestas do sertão. O General Rondon, em suas caminhadas pelos desertos de Mato Grosso, de Goiás, do Amazonas e do Pará, teve sempre na tropa de muafes o recurso indispensável para o transporte do necessário. Resistente ao desgaste e à fadiga, suportando valentemente as asperezas do clima e do solo, da alimentação parca e da natureza inclemente, o burro tornou possível a formação do Brasil e deu inestimável concurso ao florescimento da unidade nacional nos milhões de quilômetros quadrados que ajudou a conquistar.

Coube-lhe sempre a tarefa mais pesada, o encargo mais duro, o trabalho mais difícil. Cumprida a jornada, outros atavios tomavam-lhe o lugar, apagando o seu concurso na realização da obra nacional. Tinha, nesta, uma função de andaimas, de estrutura interna, de cimento e ferro, que o revestimento exterior esconde aos olhos

do observador distraído. No cenário do Ipiranga, quando D. Pedro proclamou o brado épico "Independência ou Morte", o glorioso bragança montava uma soberba besta tordilha que o jovem monarca, entendido em equitação, havia sagazmente escolhido para a difícil caminhada da Serra de Santos. No entretanto, o animal que o gênio de Pedro Américo colocou na tela famosa, não é mais o burro, e sim um brilhante e fogoso corcel, mais de acordo com a figuração épica do ato histórico. O burro trouxe o príncipe são e salvo, do litoral à colina do Ipiranga e recolheu-se humildemente à sombra, para que a cena não perdesse o seu sentido de epopéia, nem mesmo nesse detalhe. Paciente, modesto, filósofo, invencível, ele é bem o emblema do espírito que nos deve animar, meus caros companheiros do Clube dos "21 Irmãos Amigos", nesta nossa luta, sem vaidade e sem ostentação, mas constante, segura, firme, decidida, em prol da unidade nacional, do conhecimento do país, do estímulo ao entendimento, à cooperação e à fraternidade de todos os brasileiros, com um único e altíssimo objetivo cívico - o progresso, o engrandecimento do Brasil.